

RESENHA: *A Construção dos Corpos. Perspectivas feministas.* STEVENS, Cristina M. T. e SWAIN, Tania Navarro. Florianópolis: Mulheres, 2008.

Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

A Construção dos Corpos, perspectivas feministas é mais um título da Editora Mulheres lançado no Brasil que evidencia o interesse crescente de estudiosas/os, leitoras/es e, também, do mercado editorial, pelo tema da construção da diferença sexual. Trata-se de problemática central no âmbito das teorias e das lutas feministas que, investigada sob aspectos e abordagens distintas, não por acaso emerge nos quatro cantos do mundo, fertilizando a reflexão acadêmica, o diálogo e a intervenção cotidiana.

Doze capítulos apresentam estudos e pesquisas realizadas por intelectuais que atuam em diferentes campos disciplinares — economia, sociologia, educação, psicologia, comunicação, história e literatura — e suas inquietações definem um campo de reflexões, lutas e o foco político de teorias e práticas feministas, publicadas na obra organizada por tania navarro-swain (HIS/UnB) e Cristina Stevens (LIT/UnB). A coletânea revela um conjunto de comunicações apresentadas no colóquio “A Construção dos Corpos: violência material e simbólica”, realizado no Simpósio Internacional Fazendo Gênero

Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro. Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, no momento atua como professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia / INHIS/UFU. mariaer Carneiro@gmail.com

7, promovido pela UFSC, e realizado em agosto de 2006 em Florianópolis/SC.

Heleieth I. B. Saffioti, referência inegável no campo dos estudos feministas no Brasil, no capítulo *A Ontogênese do Gênero*, retoma conceitos e categorias elementares — gênero, patriarcado, sujeito —, também para salientar sua historicidade, ou alguns sentidos que definem seus usos em relação a certos quadros de pensamento. A categoria analítica do gênero que se alastra rapidamente no Brasil nos anos 90 permite pensar relações hierarquizadas entre seres socialmente desiguais, apesar dos limites localizáveis em algumas acepções e usos. Adentrar o 'reino da História' seria o caminho que, para ela, possibilita que sujeitos plurais leiam, compreendam e transformem a relação entre homens e mulheres e, também, intervenham em desigualdades, injustiças e iniquidades de uma ordem política androcêntrica.

No capítulo *O Estranhamento Queer*, Guacira Lopes Louro aborda a perspectiva que surge com os movimentos e estudos gays e lésbicos nos anos 1990. Se inicialmente a expressão *queer* funcionou como enunciado performativo que fez e faz existir a quem nomeia com a marca da marginalidade, o termo passa a ser assumido orgulhosa e afirmativamente por um conjunto de excluídos da posição sexual dominante, para marcar outra posição que, paradoxalmente, não se pretendia fixar. Ela constata a conquista de direitos e a construção de políticas de inclusão social, mas quer sublinhar a conotação teórica e política da expressão que aponta para o espaço de uma diferença que não quer ser integrada, a posição de sujeitos que questionam a norma e se colocam contra a normatização: para ela, o estranhamento *queer* é uma forma "instigante de pensar a cultura, a sociedade, para pensar o próprio pensamento", ou seja, "para romper os limites do pensável em muitos espaços, em muitos domínios".

Em *Sobre gênero, sexualidade e O Segredo de Brokeback Mountain: uma história de aprisionamentos*, Diva do Couto Gontijo Muniz nos apresenta um exercício de leitura feminista do filme dirigido por Ang Lee, — cineasta nascido em Taiwan e

radicado nos Estados Unidos —, com o uso de lentes teóricas que ela explicita: reconhecendo-se como “sujeito constituído dentro do sistema sexo-gênero e também fora dele, reconhecendo sexo-gênero como indissociáveis, como produtos e processos de diferentes tecnologias sociais, e o cinema como uma delas”. Sob as luzes em movimento dessa análise, a autora desvela uma “história de aprisionamentos”, de enquadramento dos personagens e do enredo no interior da lógica binarizante, esta que orienta a proposta do diretor. Através das lentes analíticas do sexo-gênero, ela enxerga, nos encontros furtivos dos *cowboys* no isolamento da montanha, apenas fissuras, e não rupturas, e constata que a morte de um e a sobrevivência solitária do outro remetem à “clássica associação entre crime e castigo, pecado e punição, desvio e exclusão”. Na interpelação feita ao público com o recurso a tais imagens, portanto, o diretor não consegue transpor os limites das grades generizadas da identidade sexual, dos quadros da heterossexualidade normativa ou das “concepções maniqueístas da tradição judaico-cristã”.

Margareth Rago e Luana Saturnino Tvardovskas, no capítulo *O corpo sensual em Márcia X*, focalizam a obra de uma das mais inquietantes artistas dos anos 80. As historiadoras se re-apropriam do diálogo que Márcia X (1959-2005) propõem com as temáticas do corpo e do erotismo, para pensá-lo entre as interferências perturbadoras da ordem falocêntrica, em meio aos processos positivos e singularizantes que se podem instaurar. As autoras iluminam nas obras um conjunto de “intensidades criadoras que podem subverter um contexto de homogeneização, como o que vivemos, e as novas potências de vida possíveis na era das biopolíticas”. O capítulo faz reviver a imaginação sexualizada, viva e libertina de Márcia X e potencializa a ironia da artista em relação ao discurso do poder. A expressão de Márcia e a reflexão de Margareth e Luana, portanto, somam-se às contribuições de uma crítica da cultura, baseada em deslocamentos que incidem no terreno das artes, das ciências, das narrativas e linguagens, esforços que enfocam/desfocam/desvelam corpos, subjetividades e sexualidades.

Relações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino é o capítulo em que Marie-France Depêche aborda a questão da importância das palavras na construção / reconstrução das coisas, para pensar a partilha política que cria seres sexuados. A incitação discursiva atua não só no controle das enunciações, mas na produção da diferença, da sexualidade e dos corpos que a exercem. A autora destaca expressões da cultura popular ocidental e metáforas poéticas da cultura erudita que associam a mulher a figuras desprezíveis, por exemplo à privada (Baudelaire), à cloaca (Nietzsche) ou outras, em clássicos como Balzac, Zola, Kant e Lévi-Strauss. Assim, ela revela como funciona todo um sistema de opressão e a prática vocabular em diferentes idiomas que exprime, tanto pela palavra escrita quanto oral, um exercício não menos violento do que o representado por agressões físicas. Como uma espiral que se retroalimenta, ela explica, o ato físico e o lingüístico movimentam a linguagem do patriarcado e encerram, inclusive, regiões não menos violentas de silêncio acerca das experiências femininas.

No capítulo *Bestiários*, Norma Telles investe em um mergulho no universo dos manuscritos que circularam e inspiraram a literatura e as artes na Europa medieval, e descreviam figuras reais ou fantásticas compostas de animais, vegetais e minerais. Tal mergulho, entretanto, é uma forma de proceder a um outro, este, na produção de Leonora Carrington e Remedios Varo, artistas inglesa e espanhola, respectivamente. Encontraram-se, primeiro, no movimento surrealista em Paris, em seguida, no México, varridas da França ocupada pelo nazismo e da Europa em guerra, e tornaram-se amigas. Ao retomar trechos da obra pictórica e textual das artistas, Telles re-apresenta as figuras híbridas, inusitadas, criadas pelas duas, que aproximam realidades distantes e oferecem ao olhar seres que transcendem fronteiras e construções sociais de gênero. A liberdade das artistas e os significados mais ou menos prováveis de suas obras são amplificados na análise da autora, que, assim, contribui para alargar as vias de inteligibilidade e o reino dos viventes, ao tempo

em que recomenda a variedade, a multiplicidade de leituras de bestiários antigos ou inovadores.

Ana Liési Thurler, em *A Construção de corpos sexuados e a resistência das mulheres: o caso emblemático de Juana Inês de la Cruz*, ilumina a trajetória da monja mexicana Juana Inês e de sua escrita. A monja-poeta admite ter buscado uma vida de estudo, quando optou pelo claustro no convento das Carmelitas descalças. Ao discutir os princípios da política moderna, que inventa a liberdade, a igualdade e o *consentimento livre* da mulher à subordinação ao homem pelo contrato de casamento, — premissas da democracia liberal nascente —, Liési contrapõe e sublinha a marca da transgressão feminina nos vestígios deixados pela monja. A obra da Juana Inês revela uma luta para resistir aos dispositivos da educação feminina e monástica, voltada para o exercício da humildade, do silêncio e da obediência nos domínios da vida profana ou sagrada. Fazendo repercutir sua fala e sua recusa ao silêncio, o capítulo de Liési contribui para inscrever e sublinhar o nome da poeta na história.

A escrita de Cristina Stevens neste livro percorre o corpo da mãe refigurado em matrizes fundadoras: no Gênesis, em Aristóteles, São Tomás, Santo Agostinho, nos escaninhos da psicanálise de Jung, Freud, Lacan, na concepção de Engels, entre outras. A autora nos convida a realizar uma travessia desse oceano de representações, conceitos e estereótipos, que perpassa, ainda, a literatura inglesa oitocentista (Charles Dickens, Jane Austen, George Eliot) e culmina nas plagas movediças do romance contemporâneo (Jeanette Winterson, Michèle Roberts, D.M. Thomas). Fertilizando o campo das reflexões feministas de Jane Gallop, Germaine Greer e Luce Irigaray, Stevens desmascara a tradição da “glória radiante” da maternidade e encontra estruturas narrativas polissêmicas, polifônicas, que buscam encenar experiências femininas e imagens maternas por caminhos não-convencionais. O capítulo desvela *pari passo* a criação de significantes e significados alternativos aos corpos e maternidades definidos pela engrenagem da cultura montada sobre o sistema da natureza e desvela a presença de corpos outros, tam-

bém esculpido por instrumentos afiados, em práticas libertárias da literatura contemporânea.

A Cláudia Maia interessa reler a construção dos corpos de “solteironas”, estes que representavam um indício de desestabilização do modelo desejado de ‘mulher verdadeira’. No capítulo *Corpos que escapam: as celibatárias*, ela revela como esses corpos foram sistematicamente desqualificados na prolífica literatura médica do início do século XX, em discursos que construíram signos, patologias e sintomas, definindo normas e perversões, para classificar e controlar os prazeres. Percebidos como estratégias políticas na análise da autora, esses saberes possibilitam observar como a imagem da castidade teve (talvez ainda tenha) papel importante na sociedade brasileira: associada à moral sexual da sociedade, no esforço de controle da honra e da virgindade feminina, a construção reiterada dessa imagem em sua disseminação normativa produz “corpos puros para uso exclusivo do marido a serviço da maternidade sadia”, e faz reproduzir a idéia de um corpo social. Ao perseguir discursos que investem em imagens de “frustração, carência, do corpo estéril, danificado, frígido, recalcado, inútil” de mulheres “não-verdadeiras”, Maia se desloca entre enunciados disciplinares do mundo social e desfere seu olhar crítico para deslindar territórios da cultura, onde cuidadosamente são modelados corpos femininos ‘nem tão dóceis ou úteis’, particularmente os que “não se reproduzem”, que “não se desejam” (quem?), locais onde habitam corpos de “solteironas”.

Silvana Vilodre Goellner, em *A cultura fitness e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências*, pretende denunciar a autoridade do “imperativo da beleza”, que se manifesta por meio do que denomina cultura *fitness*, veiculada em discursos e práticas que se investem nos corpos, incitam nossos desejos, e produzem uma profusão de artefatos midiáticos e científicos direcionados para o mercado do belo, da saúde e do bem-estar. Trata-se de um conjunto de instituições performantes que, ao moverem-se, ela ressalta, “carregam muito mais que músculos, ossos e aparências. Carregam significados, tornam carne representações e discursos que

operam, no detalhe, o controle, a vigilância, o esquadramento, a fixidez”. No mundo contemporâneo, corpos-espetáculos invadem e capturam as mulheres (e também homens), movimentando sonhos, fantasias e desejos, desenhando corpos e subjetividades, ainda que não consigam apagar o movimento e a afirmação de corpos e comportamentos outros, excêntricos, transbordantes, que insistem em não aderir, reagindo aos dispositivos do mundo *fitness*.

O “imperativo da beleza” também é objeto do capítulo de Tânia Fontenelle-Mourão, *Mutilações e normatizações do corpo feminino – Entre a Bela e a Fera*. Nele, ela explora o corpo-texto, o corpo-agente ou metáfora da cultura, corpo-lugar de controle social e desvela reações que neles se manifestam. São, para ela, patologias de protesto que emergem historicamente sob a forma de ‘desordens mentais e alimentares’ — neurastenia, histeria, anorexia, bulimia, agorafobia —, as primeiras desde a segunda metade do século XIX e as últimas mais recentemente. Consideradas manifestações nos corpos, estas funcionam paradoxalmente, como se estivessem em conluio com as condições culturais que as produzem, reproduzindo em vez de transformar justamente aquilo que provoca o protesto. A autora nos mostra como o culto à imagem ideal atua como referência de inserção social e, sem desprezar as prescrições de saúde, recomenda não ceder às formas da “beleza vazia” do “corpo idealizado socialmente”. E sugere entender os corpos como locais de luta: “é preciso *trabalhar* para manter nossas práticas diárias a serviço da resistência à dominação de gênero e não a serviço da ‘docilidade’ e da normatização”.

Em relação aos “imperativos da sexualidade”, Tania Navarro-Swain afirma ser possível, necessário e urgente resistir. No capítulo *Entre a vida e a morte, o sexo*, desencrava construções que de forma incessante contornam e sublinham a norma, forjando a pedagogia que provoca “cegueira social”, responsável por velar “as estratégias de diferenciação dos sexos para melhor instaurar uma ‘natural’ diferença política entre homens e mulheres”. Ela revela como as imagens da menstruação, da reprodução, da menopausa e da TPM atuam de forma

iterativa, conferindo às mulheres o sinal indelével do fracasso, da fraqueza e da instabilidade, fazendo operar inúmeros dispositivos que modelam e agem cotidianamente sobre os corpos sexuados, segundo seu pertencimento à classe binária dos gêneros. Nessa/dessa trama insistente e cotidiana, ela observa a ação do “dispositivo amoroso” que, acionado nas malhas disciplinares da cultura, configura uma necessidade, uma razão de viver e de ser, mais um fundamento identitário que constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem.

Este último capítulo revela-se um produto e um momento no processo da trajetória das práticas e das resistências feministas, mas serve principalmente como um instrumento, uma lanterna, um alimento e uma arma. Não apenas o capítulo, mas o livro como um todo, é objeto de leitura obrigatória para aquelas/es que se inquietam, que querem transformar o mundo, que lutam para ampliar as fronteiras da crítica política e social, e para isso, procuram adentrar ou invadir temporalidades e lugares inusitados do pensamento e da ação.

AOS COLABORADORES

Das normas para apresentação de originais

O *Caderno Espaço Feminino* é uma revista **multidisciplinar** que mesmo possuindo seu Conselho Editorial, não se responsabiliza pelos conteúdos de cada texto publicado, à medida em que o objetivo é polemizar e nunca enquadrar os artigos dentro de uma única perspectiva teórico-metodológica.

Seguindo a premissa anterior da multidisciplinaridade, é necessário que cada colaborador(a) trabalhe conceituando em nota de rodapé, ou no próprio texto, esclarecendo o(a) leitor(a) o que necessariamente não pertence à área do(a) autor(a).

Ao aceitarmos artigos inéditos para a publicação, exigimos que os mesmos venham revisados quanto à ortografia e sintaxe.

O material para publicação deverá ser submetido à versão eletrônica da revista disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.phd/neguem>, ou encaminhado para o e-mail: neguem@inhis.ufu.br. O artigo deve ser digitado em **espaço 1,5, fonte Times New Roman, tamanho 12** e obedecendo, para **margens, as medidas: direita e inferior: 2,5cm; superior: 3cm; esquerda: 4cm.**

Os trabalhos digitados devem estar de acordo com aspectos formais segundo técnicas e procedimentos científicos, bem como padrões atualizados da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

As colaborações a serem publicadas na Revista *Caderno Espaço Feminino* poderão ter os seguintes formatos:

- a) Artigos que estejam relacionados com traba-

lhos na área de gênero e afins. Incluem-se aqui os resumos de trabalhos com resultados parciais e/ou finais originados de projetos de pesquisa. Devem conter: Títulos, Referências Bibliográficas.

b) Os trabalhos devem conter resumo em português e em inglês, com o máximo de 04 linhas; palavras-chave em português e em espanhol ou inglês (mínimo de três e máximo de cinco); referências bibliográficas e notas no pé de página. Os trabalhos não devem exceder a vinte e cinco laudas, incluídos anexos.

c) Artigos considerados de relevância para a área ainda que não tenham caráter acadêmico.

d) Resenhas que devem conter um mínimo de 03 e um máximo de 05 páginas e respeitar as seguintes especificações técnicas: dados bibliográficos completos da publicação resenhada no início do texto, nome(s) do(s) autor(es) da resenha com informações, no pé da página, sobre a formação e a instituição a que esteja vinculado; referências bibliográficas e notas no pé de página.

e) Biografias

f) Entrevistas

Ao enviar o material para publicação, o(a)(s) autor (a)(es) está(ão) automaticamente abrindo mão de seus direitos autorais, concordando com as diretrizes editoriais.

Todos os artigos serão apreciados pelo Conselho Editorial. A simples remessa dos originais, implica em **autorização para a publicação** do mesmo.

Os originais submetidos à apreciação do Conselho Editorial não serão devolvidos. A Revista *Caderno Espaço Feminino* compromete-se a informar os autores(as) sobre a publicação ou não de seus textos.